



# IGREJA Viva



MENSAGEM

## DIA MUNDIAL DA PAZ

P. 04-05

**BREVES****Francisco: “Se somos portadores de gratidão o mundo também se torna melhor”**

O Papa Francisco disse ontem que “o mundo precisa de esperança” na catequese semanal onde reflectiu sobre ‘a oração de acção de graças’ e os cristãos “com gratidão, com esta atitude de agradecimento”, transmitem “um pouco de esperança”. “Se somos portadores de gratidão o mundo também se torna melhor, mesmo que ligeiramente, mas isso é o suficiente para dar-lhe um pouco de esperança. O mundo precisa de esperança e com gratidão, com esta atitude de agradecimento, transmitimos um pouco de esperança”, disse na Biblioteca do Palácio Vaticano Apostólico.

O Papa Francisco, na audiência geral desta quarta-feira transmitida online, explicou que “tudo está interligado e todos podem fazer a sua parte onde quer que estejam”, afirmando que “o caminho para a felicidade” é o que São Paulo descreveu numa das suas cartas: “Rezai sem interrupção, em tudo dai graças”.

**Porta Santa na Catedral de Santiago de Compostela abre hoje**

A Porta Santa da Catedral de Santiago de Compostela vai ser aberta hoje, dando início ao Ano Santo Jacobeu de 2021.

A abertura começa às 16h40 e depois tem lugar a celebração da Eucaristia, às 17h00 locais.

A partir das 19h15, após a Missa, com as diversas autoridades em frente à Porta Santa, na escadaria da Praça Quintana, vai ser projectado um vídeo de boas-vindas ao ‘Ano Santo 2021’, nos ecrãs no exterior da catedral, e ainda interpretada a ‘Muiñeira de Chantada’. A celebração pode ser acompanhada em directo no canal Youtube da Televisión de Galicia.

**OPINIÃO****Leitura Missionária da Carta Encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco – III Parte**

FREI JOSÉ DIAS DE LIMA OFM

MEMBRO DO CMAB E ANIMAG

Para o Papa Francisco, o missionário não deve impor as suas ideologias aos outros nem fazer a defesa violenta da verdade mas isso sim, reconhecer o primado do amor, pois, como afirma o papa, «o maior perigo é não amar». Acima de tudo, o discípulo missionário tenha a preocupação em cuidar das famílias, da nossa sociedade, do nosso povo, sem impor expectativas, exigências ou desejos de onipotências, diante dos mais fracos, padecendo até na hora de tocar a carne do irmão, e de lutar para o erguer do seu sofrimento. Trata-se de uma missão-serviço, e, como diz o papa: «o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas».

O missionário deve viver a gratuidade fraterna, agindo ao jeito de Deus que, sem fazer aceção de pessoas, faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus (Mt 5, 45), seguindo o conselho de Jesus, que quer que a nossa esmola permaneça no segredo (Mt 6, 34) e, sobretudo porque deve dar de graça o que recebeu de graça (Mt 10, 8). Da consciên-

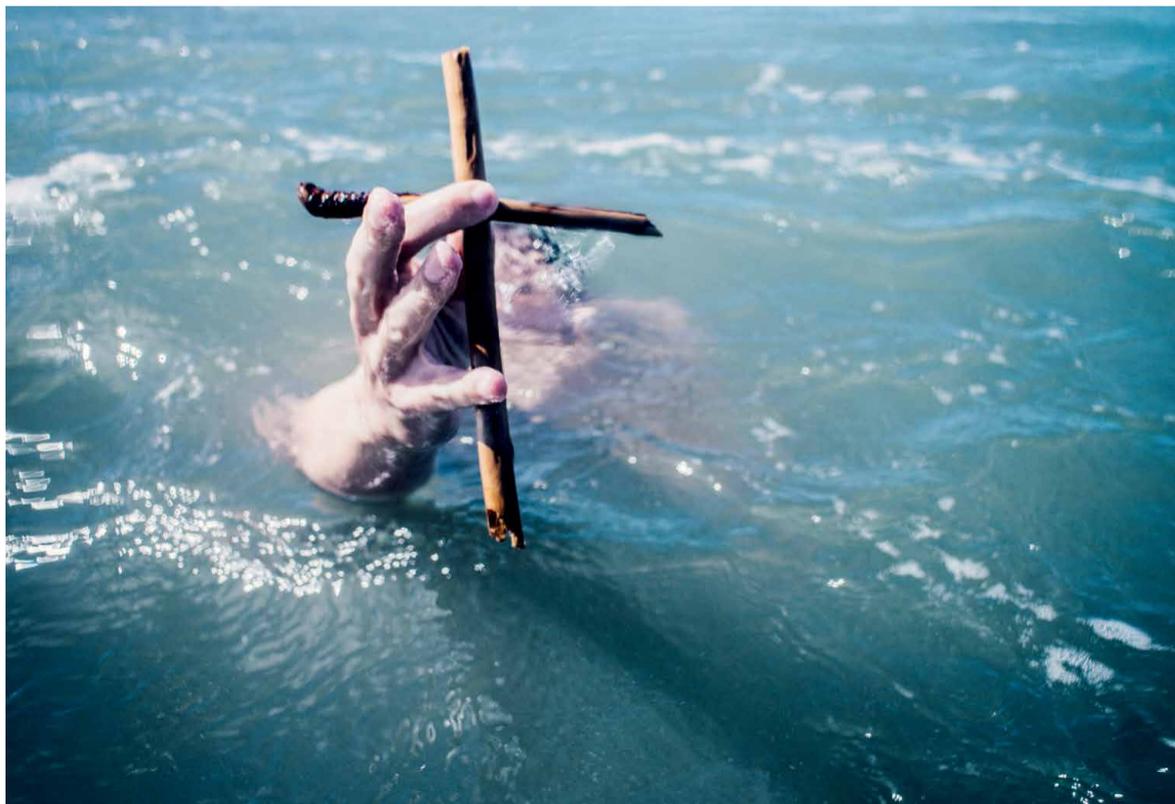
cia desta gratuidade surge a «cultura do encontro» que deve gerar um povo capaz de recolher as diferenças, através da batalha do encontro com as armas do diálogo.

Mas este diálogo, e esta «cultura do encontro» não dispensa a Igreja e, consequentemente, o discípulo missionário, de «despertar as forças espirituais» que possam fecundar a vida social, sem fazer política partidária, mas, também, sem renunciar, no caso dos leigos missionários, «à dimensão política da existência, que implica uma atenção ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral». É isto, afinal, a Igreja que se deseja, uma igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos e das sacristias, para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação, em suma, «uma casa com as portas abertas, porque é mãe».

Portanto, temos uma identidade cristã à qual não devemos renunciar nunca, na hora de evangelizar. O fanatismo ideológico entrava a missão, e isso nunca deve acontecer. Sem renunciar à sua fé, o missionário deve tomar consciência de que a Igreja nada rejeita do que existe de verdadeiro e santo nas outras religiões e, como diz o papa «olha com

respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que refletem, não raramente, um raio de verdade que ilumina todos os homens». No entanto, aquilo a que o Papa Francisco chama «a música do Evangelho» não deve deixar de ressoar aos ouvidos e ao coração do cristão na hora de anunciar as razões da sua esperança, uma música «que deve repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política, e na economia» onde somos convidados a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher.

O cristão católico, ou o missionário católico, deve sentir-se como tal, porque pertence à igreja católica, ou seja, universal e, por isso, em razão dessa pertença, deve sentir-se chamado a encarnar-se em todas as situações e assumir um caminho de fraternidade, compreendendo a beleza do convite ao amor universal, respeitando a liberdade religiosa e as outras opções de fé, mas firme nas razões da sua esperança, ao mesmo tempo que dá testemunho de um caminho de encontro entre as várias confissões cristãs, pois não pode esquecer o desejo de Jesus «que todos sejam um só» (Jo 17, 21).





## PAPA FRANCISCO

**30 DE DEZEMBRO 2020** · A oração de ação de graças começa do reconhecer que fomos pensados antes que aprendêssemos a pensar; fomos amados antes que aprendêssemos a amar. Se olharmos para a vida desta forma, então o “agradecimento” torna-se o fio condutor dos nossos dias.

**30 DE DEZEMBRO 2020** · O Filho de Deus desce do céu e vem à terra para nos levar todos ao céu! Eis o que devemos meditar, contemplar, o que devemos refletir no Natal.

## TAIZÉ

### Presidente da Comissão Europeia destaca que “ano de sofrimento tornou-se um ano de solidariedade”

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, recordou aos jovens que participam no encontro online da Comunidade de Taizé que “os sinais de esperança vêm de todos os cantos da terra” e “todos” precisam “uns dos outros”.

“Jovens de todas as nacionalidades mobilizaram-se pelo nosso planeta. Na Europa decidimos unir forças para apoiar os países que foram mais afetados pela pandemia: Este ano de sofrimento tornou-se um ano de solidariedade”, escreveu na sua mensagem para o Encontro Europeu de Jovens.

A presidente da Comissão Europeia recorda que este ano “um número incontável de homens e mulheres dedicou o seu tempo e até arriscou as suas vidas para ajudar os idosos, os doentes, os solitários”. Ursula von der Leyen recordou que “ninguém se salva sozinho”, invocando o Papa Francisco, e explicou que “todos” precisam “uns dos outros” para por fim à pandemia e à “destruição da Criação, para construir uma economia mais verde e mais justa”. “Numa época de tão grandes desafios para a Europa e para o mundo seria fácil cair no desespero. Mas, como nos recordou o irmão Alois [prior da Comunidade de Taizé], os sinais de esperança vêm de todos os cantos da terra”, escreveu Ursula von der Leyen.



## OPINIÃO

### O pai, a mãe e o filho – o teu presépio



JOSÉ LIMA

PADRE

Aproxima-se o Natal. O Papa Francisco acaba de nos dirigir uma Carta Apostólica fazendo deste ano, de 8 de dezembro 2020 a 8 de dezembro 2021, o ano de S. José, no 150º aniversário da sua declaração como padroeiro universal da Igreja por Pio IX, em 8 de dezembro de 1870.

Dedicaremos um ano a refletir sobre S. José, ele que é a figura paciente e silenciosa do presépio, tão eminente como discreta e trabalhadora. Esta primeira faceta de S. José merece reflexão papal aprofundada na carta de que se fala. Lê-se: “Depois de uma viagem longa e cansativa de Nazaré a Belém, viu o Messias nascer num estábulo, “por não haver lugar para eles” (Lc 2, 7) noutra sítio. Foi testemunha da adoração dos pastores (cfr Lc 2, 8-20) e dos Magos (cfr Mt 2,

1-12), que representavam respetivamente o povo de Israel e os povos pagãos” (PC Int.).

José aparece tão discretamente como é discreta a vinda de Deus ao mundo, feito homem como um de nós, menino envolvido em panos para a salvação de toda a humanidade. Possuímos agora um texto curto e profundo - uma Carta - que aparece como meditação diante do presépio, partilhando “algumas reflexões pessoais sobre esta figura extraordinária, tão próxima da condição humana de cada um de nós”. Este é o desejo do santo padre, um desejo que partilha nestes meses difíceis de “pandemia em que podemos experimentar, no meio da crise que nos afeta, que as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos Jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que estão hoje a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história” (PC Int.).

Maria é sempre a figura materna do presépio, envolvendo o filho em panos e acalentando-o, agora exposta à nossa contemplação, quando temos olhos interiores. O seu menino partilha a nossa natureza em tudo. Fica-se plenamente assombrado. A Im-

culada Mãe deixa-se ver para conferir créditos de esperança aos nossos olhares.

A mãe apresenta o Filho. Mãe imortal que no-lo apresenta hoje e sempre como nova proposta ao nosso olhar, atraído por doenças contemporâneas, que podem estragar a nossa visão impedindo de ver aquilo que vai além do presépio. Entretanto, corremos para oferecer um pouco de amizade numa noite, cansamo-nos para oferecer um pouco de luz nas milhentas luzinhas que nos atordoam, quando a Luz está envolta em panos, exposta para nossa visão/contemplação. Mesmo assim, “Deus pode fazer crescer flores no meio das rochas”. “Não tenhais medo” (PC 4).

A preparação do Natal implica um olhar novo para ver por dentro o que pode ser enredado por maleitas hodiernas. Como S. José, aprendamos a acolher: “José assume a sua responsabilidade e reconcilia-se com a própria História (...). Só o Senhor nos pode dar força para acolher a vida como ela é, aceitando até mesmo as suas contradições” (PC 4).

Quando o Sol despertar no nosso interior, então será Natal genuíno, a prolongar diária e serenamente em nossos ambientes.



# A cultura do cuidado como percurso de paz

## MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ

1 DE JANEIRO DE 2020

**1. Aproximando-se o Ano Novo, desejo apresentar as minhas respeitadas saudações aos Chefes de Estado e de Governo, aos responsáveis das Organizações Internacionais, aos líderes espirituais e fiéis das várias religiões, aos homens e mulheres de boa vontade. Para todos formulo os melhores votos, esperando que o ano de 2021 faça a humanidade progredir no caminho da fraternidade, da justiça e da paz entre as pessoas, as comunidades, os povos e os Estados.**

O ano de 2020 ficou marcado pela grande crise sanitária da Covid-19, que se transformou num fenómeno plurisectorial e global, agravando fortemente outras crises inter-relacionadas como a climática, alimentar, económica e migratória, e provocando grandes sofrimentos e incómodos. Penso, em primeiro lugar, naqueles que perderam um familiar ou uma pessoa querida, mas também em quem ficou sem trabalho. Lembro de modo especial os médicos, enfermeiras e enfermeiros, farmacêuticos, investigadores, voluntários, capelões e funcionários dos hospitais e centros de saúde, que se prodigalizaram – e continuam a fazê-lo – com grande fadiga e sacrifício, a ponto de alguns deles morrerem quando procuravam estar perto dos doentes a fim de aliviar os seus sofrimentos ou salvar-lhes a vida. Ao mesmo tempo que presto homenagem a estas pessoas, renovo o apelo aos responsáveis políticos e ao sector privado para que tomem as medidas adequadas a garantir o acesso às vacinas contra a Covid-19 e às tecnologias essenciais necessárias para dar assistência aos doentes e a todos aqueles que são mais pobres e mais frágeis.

É doloroso constatar que, ao lado de numerosos testemunhos de caridade e solidariedade, infelizmente ganham novo impulso várias formas de nacionalismo, racismo, xenofobia e também guerras e conflitos que semeiam morte e destruição.

Estes e outros acontecimentos, que marcaram o caminho da humanidade no ano de 2020, ensinam-nos a importância de cuidarmos uns dos outros e da criação

a fim de se construir uma sociedade alicerçada em relações de fraternidade. Por isso, escolhi como tema desta mensagem «a cultura do cuidado como percurso de paz»; a cultura do cuidado\* para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, que hoje muitas vezes parece prevalecer.

### **2. Deus Criador, origem da vocação humana ao cuidado**

Em muitas tradições religiosas, existem narrativas que se referem à origem do homem, à sua relação com o Criador, com a natureza e com os seus semelhantes. Na Bíblia, o livro do Génesis revela, desde o início, a importância do cuidado ou da custódia no projeto de Deus para a humanidade, destacando a relação entre o homem ('adam) e a terra ('adamah) e entre os irmãos. Na narração bíblica da criação, Deus confia o jardim «plantado no Éden» (cf. Gn 2, 8) às mãos de Adão com o encargo de «o cultivar e guardar» (Gn 2, 15). Isto significa, por um lado, tornar a terra produtiva e, por outro, protegê-la e fazê-la manter a sua capacidade de sustentar a vida. Os verbos «cultivar» e «guardar» descrevem a relação de Adão com a sua casa-jardim e indicam também a confiança que Deus deposita nele fazendo-o senhor e guardião de toda a criação.

O nascimento de Caim e Abel gera uma história de irmãos, cuja relação em termos de tutela ou custódia será vivida negativamente por Caim. Depois de ter assassinado o seu irmão Abel, a Deus que lhe pergunta por ele, Caim responde: «Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9). Com certeza! Caim é o «guarda» de seu irmão. «Nestas narrações tão antigas, ricas de profundo simbolismo, já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros».

### **3. Deus Criador, modelo do cuidado**

A Sagrada Escritura apresenta Deus, além de Criador, como Aquele que cuida das suas criaturas, em particular de Adão, Eva e seus filhos. O próprio Caim, embora

caia sobre ele a maldição por causa do crime que cometera, recebe como dom do Criador um sinal de protecção, para que a sua vida seja salvaguardada (cf. Gn 4, 15). Este facto, ao mesmo tempo que confirma a dignidade inviolável da pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, manifesta também o plano divino para preservar a harmonia da criação, porque «a paz e a violência não podem habitar na mesma morada».

É precisamente o cuidado da criação que está na base da instituição do Shabbat que, além de regular o culto divino, visava restabelecer a ordem social e a solicitude pelos pobres (Gn 2, 1-3; Lv 25, 4). A celebração do Jubileu, quando se completava o sétimo ano sabático, consentia uma trégua à terra, aos escravos e aos endividados. Neste ano de graça, cuidava-se dos mais vulneráveis, oferecendo-lhes uma nova perspectiva de vida, para que não houvesse qualquer necessitado entre o povo (cf. Dt 15, 4).

Digna de nota é também a tradição profética, onde o auge da compreensão bíblica da justiça se manifesta na forma como uma comunidade trata os mais frágeis no seu seio. É por isso que particularmente Amós (2, 6-8; 8) e Isaías (58) erguem continuamente a voz em prol de justiça para os pobres, que, pela sua vulnerabilidade e falta de poder, são ouvidos só por Deus, que cuida deles (cf. Sal 34, 7; 113, 7-8).

### **4. O cuidado no ministério de Jesus**

A vida e o ministério de Jesus encarnam o ápice da revelação do amor do Pai pela humanidade (Jo 3,16). Na sinagoga de Nazaré, Jesus manifestou-Se como Aquele que o Senhor consagrou e enviou a «anunciar a Boa-Nova aos pobres», «a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos» (Lc 4, 18). Estas acções messiânicas, típicas dos jubileus, constituem o testemunho mais eloquente da missão que o Pai Lhe confiou. Na sua compaixão, Cristo aproxima-Se dos doentes no corpo e no espírito e cura-os; perdoa os pecadores e dá-lhes uma nova vida. Jesus é o Bom Pastor que cuida das ovelhas (cf. Jo 10, 11-18; Ez 34, 1-31); é o Bom Samaritano que

Se inclina sobre o ferido, trata das suas feridas e cuida dele (cf. Lc 10, 30-37).

No ponto culminante da sua missão, Jesus sela o seu cuidado por nós, oferecendo-Se na cruz e libertando-nos assim da escravidão do pecado e da morte. Deste modo, com o dom da sua vida e o seu sacrifício, abriu-nos o caminho do amor e disse a cada um: «Segue-Me! Faz tu também o mesmo» (cf. Lc 10, 37).

### **5. A cultura do cuidado, na vida dos seguidores de Jesus**

As obras de misericórdia espiritual e corporal constituem o núcleo do serviço de caridade da Igreja primitiva. Os cristãos da primeira geração praticavam a partilha para não haver entre eles alguém necessitado (cf. At 4, 34-35) e esforçavam-se por tornar a comunidade uma casa acolhedora, aberta a todas as situações humanas, disposta a ocupar-se dos mais frágeis. Assim, tornou-se habitual fazer ofertas voluntárias para alimentar os pobres, enterrar os mortos e nutrir os órfãos, os idosos e as vítimas de desastres, como os naufragos. E em períodos sucessivos, quando a generosidade dos cristãos perdeu um pouco do seu ímpeto, alguns Padres da Igreja insistiram que a propriedade é pensada por Deus para o bem comum. Santo Ambrósio afirmava que «a natureza concedeu todas as coisas aos homens para uso comum. (...) Portanto, a natureza produziu um direito comum para todos, mas a ganância tornou-o um direito de poucos». Superadas as perseguições dos primeiros séculos, a Igreja aproveitou a liberdade para inspirar a sociedade e a sua cultura. «As necessidades da época exigiam novas energias ao serviço da caridade cristã. As crónicas históricas relatam inúmeros exemplos de obras de misericórdia. De tais esforços conjuntos, resultaram numerosas instituições para alívio das várias necessidades humanas: hospitais, albergues para os pobres, orfanatos, lares para crianças, abrigos para forasteiros, e assim por diante».

### **6. Os princípios da doutrina social da Igreja como base da cultura do cuidado**

A *diakonia* das origens, enriquecida pela reflexão dos Padres e animada, ao longo dos séculos, pela caridade operosa de tantas luminosas testemunhas da fé, tornou-se o coração pulsante da doutrina social da Igreja, proporcionando a todas as pessoas de boa vontade um precioso património de princípios, critérios e indicações, donde se pode haurir a «gramática» do cuidado: a promoção da dignidade de toda a pessoa humana, a solidariedade com os pobres e indefesos, a solicitude pelo bem comum e a salvaguarda da criação.

\* O cuidado como promoção da dignidade e dos direitos da pessoa

«O conceito de pessoa, que surgiu e amadureceu no cristianismo, ajuda a promover um desenvolvimento plenamente humano. Porque a pessoa exige sempre a relação e não o individualismo, afirma a inclusão e não a exclusão, a dignidade singular, inviolável e não a exploração». Toda a pessoa humana é fim em si mesma, e nunca um mero instrumento a ser avaliado apenas pela sua utilidade: foi criada para viver em conjunto na família, na comunidade, na sociedade, onde todos os membros são iguais em dignidade. E desta dignidade derivam os direitos humanos, bem como os deveres, que recordam, por exemplo, a responsabilidade de acolher e socorrer os pobres, os doentes, os marginalizados, o nosso «próximo, vizinho ou distante no espaço e no tempo».

#### \* O cuidado do bem comum

Cada aspecto da vida social, política e económica encontra a sua realização, quando se coloca ao serviço do bem comum, isto é do «conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição». Por conseguinte os nossos projectos e esforços devem ter sempre em conta os efeitos sobre a família humana inteira, ponderando as suas consequências para o momento presente e para as gerações futuras. Quão verdadeiro e actual seja tudo isto, no-lo mostra a pandemia Covid-19, perante a qual «nos demos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar juntos», porque «ninguém se salva sozinho» e nenhum Estado nacional isolado pode assegurar o bem comum da própria população.

#### \* O cuidado através da solidariedade

A solidariedade exprime o amor pelo outro de maneira concreta, não como um sentimento vago, mas como «a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos». A solidariedade ajuda-nos a ver o outro – quer como pessoa quer, em sentido lato, como povo ou nação – não como um dado estatístico, nem como meio a usar e depois descartar quando já não for útil, mas como nosso próximo, companheiro de viagem, chamado a participar, como nós, no banquete da vida, para o qual todos somos igualmente convidados por Deus.

#### \* O cuidado e a salvaguarda da criação

A encíclica *Laudato si'* reconhece plenamente a interconexão de toda a realidade criada, destacando a exigência de ouvir ao mesmo tempo o grito dos necessitados e o da criação. Desta

escuta atenta e constante pode nascer um cuidado eficaz da terra, nossa casa comum, e dos pobres. A propósito, desejo reiterar que «não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos». Na verdade «paz, justiça e salvaguarda da criação são três questões completamente ligadas, que não se poderão separar para ser tratadas individualmente, sob pena de cair novamente no reducionismo».

#### 7. A bússola para um rumo comum

Assim, num tempo dominado pela cultura do descarte e perante o agravamento das desigualdades dentro das nações e entre elas, gostaria de convidar os responsáveis das Organizações internacionais e dos Governos, dos mundos económico e científico, da comunicação social e das instituições educativas a pegarem nesta «bússola» dos princípios acima lembrados para dar um rumo comum ao processo de globalização, «um rumo verdadeiramente humano». Na verdade, este permitiria estimar o valor e a dignidade de cada pessoa, agir conjunta e solidariamente em prol do bem comum, aliviando quantos padecem por causa da pobreza, da doença, da escravidão, da discriminação e dos conflitos. Através desta bússola, encorajo todos a tornarem-se profetas e testemunhas da cultura do cuidado, a fim de preencher tantas desigualdades sociais. E isto só será possível com um forte e generalizado protagonismo das mulheres na família e em todas as esferas sociais, políticas e institucionais.

A bússola dos princípios sociais, necessária para promover a cultura do cuidado, vale também para as relações entre as nações, que deveriam ser inspiradas pela fraternidade, o respeito mútuo, a solidariedade e a observância do direito internacional. A este respeito, não de ser reafirmadas a proteção e a promoção dos direitos humanos fundamentais, que são inalienáveis, universais e indivisíveis.

Deve ser recordado também o respeito pelo direito humanitário, sobretudo nesta fase em que se sucedem, sem interrupção, conflitos e guerras. Infelizmente, muitas regiões e comunidades já não se recordam dos tempos em que viviam em paz e segurança. Numerosas cidades tornaram-se um epicentro da insegurança: os seus habitantes fatigam a manter os seus ritmos normais, porque são atacados e bombardeados indiscriminadamente por explosivos, artilharia e armas ligeiras. As crianças não podem estudar. Homens e mulheres não podem trabalhar para sustentar as famílias. A carestia lança raízes em

lugares onde antes era desconhecida. As pessoas são obrigadas a fugir, deixando para trás não só as suas casas, mas também a sua história familiar e as raízes culturais.

As causas de conflitos são muitas, mas o resultado é sempre o mesmo: destruição e crise humanitária. Temos de parar e interrogar-nos: O que foi que levou a sentir o conflito como algo normal no mundo? E, sobretudo, como converter o nosso coração e mudar a nossa mentalidade para procurar verdadeiramente a paz na solidariedade e na fraternidade?

Quanta dispersão de recursos para armas, em particular para as armas nucleares, recursos que poderiam ser utilizados para prioridades mais significativas a fim de garantir a segurança das pessoas, como a promoção da paz e do desenvolvimento humano integral, o combate à pobreza, o remédio das carências sanitárias! Aliás, também isto é evidenciado por problemas globais, como a actual pandemia Covid-19 e as mudanças climáticas. Como seria corajosa a decisão de criar «um "Fundo mundial" com o dinheiro que se gasta em armas e outras despesas militares, para poder eliminar a fome e contribuir para o desenvolvimento dos países mais pobres»!

#### 8. Para educar em ordem à cultura do cuidado

A promoção da cultura do cuidado requer um processo educativo, e a bússola dos princípios sociais constitui, para o efeito, um instrumento fiável para vários contextos relacionados entre si. A propósito, gostaria de fornecer alguns exemplos:

A educação para o cuidado nasce na família, núcleo natural e fundamental da sociedade, onde se aprende a viver em relação e no respeito mútuo. Mas a família precisa de ser colocada em condições de poder cumprir esta tarefa vital e indispensável.

Sempre em colaboração com a família, temos outros sujeitos encarregados da educação como a escola e a universidade e analogamente, em certos aspectos, os sujeitos da comunicação social. São chamados a transmitir um sistema de valores fundado no reconhecimento da dignidade de cada pessoa, de cada comunidade linguística, étnica e religiosa, de cada povo e dos direitos fundamentais que dela derivam. A educação constitui um dos pilares de sociedades mais justas e solidárias.

As religiões em geral, e os líderes religiosos em particular, podem desempenhar um papel insubstituível na transmissão aos fiéis e à sociedade

dos valores da solidariedade, do respeito pelas diferenças, do acolhimento e do cuidado dos irmãos mais frágeis. Recordo, a propósito, as palavras que o Papa Paulo VI proferiu no Parlamento do Uganda em 1969: «Não temais a Igreja; esta honra-vos, educa-vos cidadãos honestos e leais, não fomenta rivalidades nem divisões, procura promover a liberdade sadia, a justiça social, a paz; se tem alguma preferência é pelos pobres, a educação dos pequeninos e do povo, o cuidado dos atribulados e desvalidos».

A todas as pessoas empenhadas no serviço das populações, nas organizações internacionais, governamentais e não governamentais, com uma missão educativa, e a quantos trabalham, pelos mais variados títulos, no campo da educação e da pesquisa, renovo o meu encorajamento para que se possa chegar à meta duma educação «mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão». Espero que este convite, dirigido no contexto do Pacto Educativo Global, encontre ampla e variada adesão.

#### 9. Não há paz sem a cultura do cuidado

A cultura do cuidado, enquanto compromisso comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos, enquanto disposição a interessar-se, a prestar atenção, disposição à compaixão, à reconciliação e à cura, ao respeito mútuo e ao acolhimento recíproco, constitui uma via privilegiada para a construção da paz. «Em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com criatividade e ousadia, processos de cura e de um novo encontro».

Neste tempo, em que a barca da humanidade, sacudida pela tempestade da crise, avança com dificuldade à procura dum horizonte mais calmo e sereno, o leme da dignidade da pessoa humana e a «bússola» dos princípios sociais fundamentais podem consentir-nos de navegar com um rumo seguro e comum. Como cristãos, mantemos o olhar fixo na Virgem Maria, Estrela do Mar e Mãe da Esperança. Colaboremos, todos juntos, a fim de avançar para um novo horizonte de amor e paz, de fraternidade e solidariedade, de apoio mútuo e acolhimento recíproco. Não cedamos à tentação de nos desinteressarmos dos outros, especialmente dos mais frágeis, não nos habituemos a desviar o olhar, mas empenhemo-nos cada dia concretamente por «formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros».

Vaticano, 8 de Dezembro de 2020

# “Baptizar-vos-á no Espírito Santo”

## BAPTISMO DO SENHOR NATAL

### ITINERÁRIO

No presbitério continua ainda o smartphone da caminhada de Advento-Natal, no qual surgirá a imagem de Jesus, como centro da tua vida, Aquele que dá sentido a tudo aquilo que és, nunca esquecendo que a nossa missão é eclodir a caridade, o amor mais belo, nobre e puro que está e vive em nós e para nós. Além disso, colocar-se-á um recipiente com água, no presépio, também proposto na mesma caminhada.

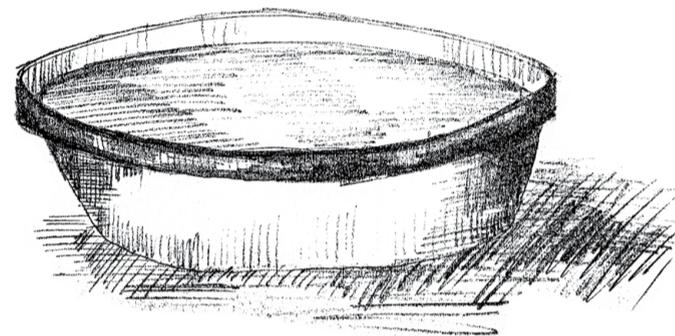


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



## LITURGIA DA PALAVRA

### LEITURA I Is 42, 1-4.6-7

#### Leitura do Livro de Isaías

Diz o Senhor: “Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma. Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações. Não gritará, nem levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a torcida que ainda fumeja: proclamará fielmente a justiça. Não desfalecerá nem desistirá, enquanto não estabelecer a justiça na terra, a doutrina que as ilhas longínquas esperam. Fui Eu, o Senhor, que te chamei segundo a justiça; tomei-te pela mão, formei-te e fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros e da prisão os que habitam nas trevas”.

### Salmo responsorial

Salmo 28 (29), 1a.2.3ac-4.3b.9b-10 (R. 11b)

**Refrão: O Senhor abençoará o seu povo na paz.**

### LEITURA II Actos 10, 34-38

#### Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Pedro tomou a palavra e disse: “Na verdade, eu reconheço que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável. Ele enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos. Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: Deus ungiu com a força do

Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo demónio, porque Deus estava com Ele”.

### EVANGELHO Mc 1, 7-11

#### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, João começou a pregar, dizendo: “Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu, diante do qual eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das suas sandálias. Eu baptizo na água, mas Ele baptizar-vos-á no Espírito Santo”. Sucedeu que, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi baptizado por João no rio Jordão. Ao subir da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito, como uma pomba, descer sobre Ele. E dos céus ouviu-se uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência”.

## REFLEXÃO

No domingo da celebração do Baptismo de Jesus (Ano B), a palavra que sai da boca de Deus é viva e eficaz, confirma a aliança de amor de Deus Pai com a Humanidade, cuja plenitude se alcança em e com Jesus Cristo, o seu “Filho muito amado”.

### “Filho muito amado”

O baptismo de Jesus Cristo comporta uma experiência interior de grande intensidade. Confirma o propósito inicial apresentado pelo evangelista Marcos: “Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Marcos 1, 1). Sim, Jesus Cristo é o Filho muito amado do Pai. E, por antecipação, ratifica o que há de ser dito por Pedro, na viragem para a segunda parte do evangelho: “Tu és o Messias” (Marcos 8, 29). Sim, Jesus Cristo é o Ungido do Espírito Santo.

Eis que começa o mundo novo, a vida nova dos filhos de Deus. Não precisamos de esperar o fim do mundo; já podemos acolher essa vida oferecida por Aquele que “baptizar-vos-á no Espírito Santo”.

O baptismo, no rio Jordão, é o pórtico de entrada na vida pública. Depois do necessário tempo de retiro, há de reunir à sua volta um grupo de discípulos, para estarem com ele, para aprenderem com ele, para viverem com ele, para viverem como ele.

Ao conhecer quem é Jesus Cristo, ficamos a saber quem podem ser os seus discípulos. Ser discípulo, ser cristão, é aceitar o Mestre com os lábios e o coração; é testemunhar com a boca (palavras) e com as mãos (obras) o amor divino; é assumir a ‘cultura do cuidado’, como propôs o Papa Francisco, no primeiro dia deste ano (na mensagem para o Dia Mundial da Paz); é acompanhar o Mestre como discípulo missionário.

Nascemos de Deus. Ele põe em cada um de nós a sua ‘complacência’. É talvez uma palavra difícil de compreender, que expressa uma declaração de amor, manifesta o quanto Deus nos quer bem. Quer dizer: apreço, estima, bem-querer, amizade, amor. Está aberto o caminho de discipulado! Deus entra na nossa vida. Eu e tu, podemos entrar na vida de Deus. Juntos, vamos acompanhar Jesus Cristo! Guia-nos e impele-nos, neste itinerário, a presença do Espírito Santo. Abre os olhos do nosso coração, o Espírito Santo sustenta-nos na caridade, garante-nos a misericórdia divina, faz renovar sobre nós a continuidade da identidade e missão do mestre: Tu és o filho muito amado de Deus, em ti o Pai pôs toda a sua complacência.

### Acompanhar Jesus Cristo

“Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência”. A voz que ecoou no rio Jordão dirigia-se a Jesus

Cristo, para revelar a sua identidade e missão. Hoje, aplica-se a cada um de nós. A partir da consciência de ser baptizado, disponho-me a dar continuidade à missão do Mestre. Iniciamos a ‘série’ sobre o discipulado, ou melhor, vamos dar os primeiros passos no caminho intencional de seguimento de Jesus Cristo. Talvez não sejam passos, mas apenas a inscrição como ‘aprendizes’ de discípulos. Uns, porventura, já são capazes de dar passos firmes; outros, ainda estão a ‘gatinhar’ ou à procura do equilíbrio para se manterem de pé. Juntos, nos próximos ‘episódios’, vamos acompanhar Jesus Cristo.

**Reflexão preparada por** Laboratório da Fé in [www.laboratoriodafe.pt](http://www.laboratoriodafe.pt)

## Semear caridade

### Acólitos

O acólito é aquele que segue, mas também aquele que precede no caminho. Ao encabeçar uma procissão, os acólitos devem ter a atitude de quem proclama: “Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu, diante do qual eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das suas sandálias”. É claro que quem deve proclamar ainda com mais veemência esta frase de João Baptista é o sacerdote.

### Leitores

A vinda do Espírito traduz-se pela escuta de uma voz vinda do céu que proclama a divindade de Jesus. Ao dar voz à Palavra de Deus, o leitor torna-se instrumento da vinda do Espírito Santo sobre a assembleia reunida. Através de todas as leituras que são feitas ao longo do ano, é sempre a mesma voz que diz pelas Escrituras: “Este é o meu Filho muito amado”.



## EUCOLOGIA

**Orações presidenciais:** Orações próprias da Festa do Baptismo do Senhor (*Missal Romano*, 153ss)

**Prefácio:** Prefácio do Baptismo do Senhor (*Missal Romano*, 156)

**Oração Eucarística:** Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss)



## SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Reassumindo que somos filhos de Deus, por meio de Jesus Cristo, o Filho Unigénito do Pai, vamos iniciar e terminar cada dia desta semana com o sinal da cruz e com a oração do Pai Nosso.



## SUGESTÃO DE CÂNTICOS

— **Entrada:** Pai, Filho, Espírito Santo – A. Cartageno

— **Rito da Aspersão:** Vi a fonte de água viva – Az. Oliveira

— **Glória:** Glória a Deus nas alturas – C. Silva

— **Apresentação dos dons:** Águas das fontes, louvai o Senhor – A. Cartageno

— **Comunhão:** Cristo desceu às águas do Jordão – F. Silva

— **Final:** O amor de Deus – M. Luís

### Ministros Extraordinários da Comunhão

No baptismo de Jesus, somos chamados a recordar o nosso próprio baptismo e a dignidade a que somos chamados. Exercer qualquer ministério na Igreja nunca é dignidade maior do que a de ser baptizado. A cada baptizado Deus diz: “Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma. Sobre ele fiz repousar o meu espírito”. Ser ministro é ter consciência desse dignidade partilhada.

### Músicos

Quem canta ora é a voz dos homens que se eleva para Deus, ora é a voz de Deus que se faz ouvir dos céus para relevar aos homens aquilo que lhes seria inimaginável se Deus não o tivesse revelado. Quem poderia discernir naquele homem que desceu ao rio Jordão o Filho muito amado do Pai se a voz do céu o não tivesse proclamado? Pela voz do cantor acedemos também aos tesouros insondáveis da fé.

### Celebrar em comunidade

#### Rito da Aspersão da Água

Propomos que, nesta celebração, se privilegie o rito da aspersão da água, em substituição do momento de preparação penitencial no início da Eucaristia. Sugere-se que se siga a fórmula I, conforme está apresentada no Missal Romano (p. 1359ss). Terminado este rito, procede-se à abertura da App da Caridade, evidenciando a imagem de Jesus.

#### Homilia

**1.** Tal como em toda a tradição profética, João Baptista usa uma linguagem dura e ameaçadora para tentar mover à conversão aqueles que o escutam. Ele apresenta um Deus soberano muito severo e intransigente, na linha da mentalidade presente no Antigo Testamento. Só Jesus Cristo, o Filho de Deus, pode mostrar-nos o verdadeiro rosto de Deus Pai. Só n'Ele podemos aproximar-nos de Deus tal como Ele é, porque é Ele a via para o Pai. O Evangelho de hoje coloca-se no início da vida pública do Senhor. Ele não escolheu

para Si uma vida paralela àquela do povo que veio servir, mas, vivendo plenamente a sua condição humana, submeteu-Se às tradições do seu povo e recebeu o baptismo de João. Ele, sendo verdadeiramente um de nós, apresenta-Se, também hoje, nos caminhos da nossa vida, põe-Se ao nosso lado e faz estrada connosco, indicando-nos a direção da liberdade.

**2.** A nossa vida em Cristo foi definitivamente marcada pelo dia do nosso Baptismo. Este é o primeiro dos sacramentos, sinal visível da graça de Deus que nos resgata do abismo da nossa realidade ferida pelo pecado e nos eleva em direção ao Reino, à comunidade dos filhos de Deus. Os sacramentos são para nós um pré-anúncio do mundo futuro, mostrando-nos como é a vida quando Cristo estiver presente em tudo e em todos. Todo o Universo foi criado por Deus e para que nos elevemos em direção a Deus, mas o pecado impede-nos de elevar o olhar da criação ao Criador. Os sacramentos não são palavras mágicas, são palavra de Deus e fazem aquilo que significam.

Não são meros sinais, mas têm a força de realizar em nós as promessas de Deus. Permitem-nos sair de nós próprios e elevar o coração para o Senhor. São a presença eficaz, operante, de Jesus Cristo na nossa vida que nos santifica. Na água do Baptismo morremos com Cristo para com Ele nascermos para a vida sem ocaso.

**3.** Nós, feridos pelo pecado, mas purificados pelo Batismo, vivemos oscilando entre a atração que exercem sobre nós o pecado e a santidade. É a nossa luta de cada dia. A cada passo da vida apresenta-se a escolha de seguir uma via de santidade ou de pecado. Podemos, a cada momento da vida, escolher ou o Amor do Pai que Cristo nos oferece ou então escolhermo-nos a nós próprios, recusando-O. Os sacramentos, em especial a Eucaristia e a Reconciliação, são uma ajuda imprescindível para podermos escolher o caminho de Cristo, o caminho que leva à verdadeira vida que nos foi comunicada no dia do Batismo. Mortos com Cristo, ressuscitamos, a cada dia, n'Ele e com Ele.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em [www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/](http://www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/)

# “Batizar-vos-á no Espírito Santo”

**BATISMO DOMINGO**  
ANO B - 2021



LABORATÓRIODAFÉ



## DIA 1 HÁ ORAÇÃO PELA PAZ EM CABO DELGADO

O Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB) vai levar a cabo uma oração online no Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro. A Oração pela Paz na província de Cabo Delgado que poderá ser acompanhada pela plataforma Zoom (ID da reunião: 497 127 7260 | Senha de acesso: 519764) e através do Facebook do CMAB. Há cerca de três anos que a província de Cabo Delgado (que corresponde geograficamente à Diocese de Pemba) está a sofrer com a violência armada que tem dizimado vilas e aldeias da zona norte da província de Cabo Delgado, onde existe uma das maiores reservas de gás natural do mundo. A violência crescente está a provocar uma crise humanitária, com mais de 2.000 mortes e 560.000 pessoas deslocadas.

Os seminaristas da Diocese de Pemba a estudar no Seminário Conciliar de Braga, no âmbito deste acordo de cooperação missionária, acompanham à distância e com apreensão a situação da sua província, sendo que alguns dos seus familiares já tiveram de abandonar as suas casas. A Arquidiocese de Braga, através do CMAB, juntamente com um conjunto de organizações parceiras, tem em curso a campanha solidária “Juntos por Cabo Delgado”, destinada à Diocese de Pemba, que tem sido um grande apoio para as pessoas deslocadas. Pode contribuir para esta campanha através da conta da Arquidiocese de Braga para o efeito: PT50 0010 0000 0276 7480 0020 8.



DIOCESE DE PEMBA  
ARQUIDIOCESE DE BRAGA



**01 DE JANEIRO DE 2021**  
em direto no facebook do Centro Missionário Arquidiocesano de Braga organizada pelos seminaristas da Diocese de Pemba que estudam em Braga **16h00**

## CMAB ORGANIZA ENCONTRO SOBRE INFÂNCIA MISSIONÁRIA

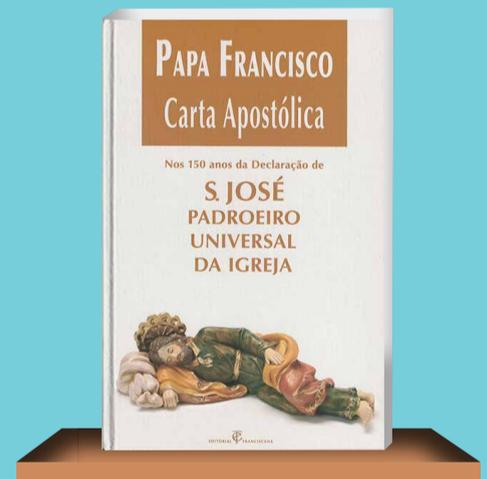


O Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB) vai organizar o primeiro encontro arquidiocesano sobre a Infância Missionária. O encontro online tem lugar no dia 3 de Janeiro, solenidade da Epifania e dia em que se celebra a festa da Infância Missionária. O breve encontro tem início às 17 horas e conta com uma oração pelo grupo de Infância Missionária de São José Ribamar, na Póvoa de Varzim, assim como partilha de boas práticas por Mariana Santos – do grupo de Infância Missionária de Nariz, na Diocese de Aveiro –, e pelo grupo de Infância Missionária de Bala-

sar, na Póvoa de Varzim. No final, há tempo para questões e mais troca de experiências. O encontro tem transmissão na página de Facebook do Centro Missionário. A Infância Missionária é uma das quatro Obras Missionárias Pontificias, e organiza-se em grupos de 12 crianças e adolescentes (dos 4 aos 12 anos), que são estimuladas a desenvolver progressivamente uma consciência missionária universal e a impulsioná-las a partilhar a sua fé e os meios materiais com as crianças necessitadas do mundo. O lema é “crianças ajudam crianças”.



COM CORAÇÃO DE PAI.  
PATRIS CORDE  
PAPA FRANCISCO



Para celebrar os 150 anos da declaração do Esposo de Maria como Padroeiro da Igreja Católica, o Papa Francisco convoca o Ano de São José com a Carta apostólica Patris Corde – Com coração de Pai. O Santo Padre oferece neste documento algumas reflexões pessoais sobre a figura extraordinária de São José, “tão próximo da condição humana de cada um de nós”.

Compre online em  
[www.livrariadm.pt](http://www.livrariadm.pt)

